



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Mídia étnica em Portugal: construção identitária dos negros africanos na revista portuguesa Afro

Rosangela Ferreira de Carvalho Borges

Pós-doutorado no Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, com bolsas de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (Brasil) e da Fundação para a Ciência e Tecnologia – FCT (Portugal/União Europeia); Doutora em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – São Paulo – Brasil e Universidade de Coimbra, Portugal. Pós-doutoramento no Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), Departamento de Letras da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil.

E-mail: rosangelafcb@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo consiste na análise de conteúdo e de discurso dos textos jornalísticos da revista portuguesa *Afro*, com o objetivo de identificar e analisar, por meio de pesquisa quali-quantitativa, os principais conteúdos discursivos utilizados pela revista no processo de estruturação de estratégias midiáticas na construção de representações identitárias dos negros africanos dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, nomeadamente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e seus descendentes, residentes em Portugal.

Palavras-chave: Mídia impressa. Linguagem midiática. Identidade Étnica. Comunidade Africana.

Introdução

O processo de transnacionalização e desterritorialização de pessoas (turistas, imigrantes, refugiados, exilados e outros grupos e indivíduos), de símbolos (incluindo a mercantilização da cultura), de discursos e informação – por meio de diversas mídias -, de capitais e mercadorias na globalização contemporânea, responsável, em contrapartida, também pela aceleração da produção de novas localidades, lançaram novos paradigmas sociais, políticos, econômicos, culturais e a emergência de “novos atores sociais” preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais, conferindo à comunicação um campo estratégico, no qual se pode pensar os bloqueios e as contradições dinamizadoras das sociedades, muitas vezes dispostas a meio caminho de um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva. Neste contexto, os meios de comunicação tornaram-se acessíveis espacial e temporalmente, além, é claro, de instituírem relações sociais que estão relacionadas com a produção de formas simbólicas para os vários receptores potenciais.

A comunicação, mais do que uma questão de meios, se tornou uma questão de *mediação*¹, de cultura e não só de conhecimento, mas de reconhecimento de uma operação de deslocamento metodológico no próprio cerne do processo de comunicação que possibilita ver o outro lado do processo, isto é, o da recepção, o das resistências e da apropriação a partir de seus usos. A comunicação mediada se caracteriza pela sua inserção em contextos sociais, culturais, políticos e econômicos organizados de diversos modos, os quais, por sua vez, influenciam a própria comunicação que se apresenta como um fenômeno social contextualizado (MARTIN-BARBERO, 1997).

Diante do contexto apresentado, podemos proferir que as caracterizações identitárias dos imigrantes negros africanos dos PALOP em Portugal e seus descendentes, na atualidade, se devem, em grande parte, ao trabalho de jornalistas como profissionais e aos meios de comunicação como organizações, ambos inseridos em uma contextualização histórica e cultural, possuidores da capacidade

¹ Aqui recorremos ao conceito de *mediação* de Martín-Barbero e sua integração num quadro teórico-metodológico de recepção.

de produzirem e reproduzirem representações sobre os atores sociais, em simbiose com as demais instituições de poder na sociedade portuguesa.

Em Portugal é a partir de meados dos anos 90 do século XX que surgem os primeiros estudos focando desde o impacto geral da imigração no país à sua representação nos veículos de comunicação social, fundamentalmente na imprensa e na televisão. Entre os estudos de referência em relação ao imigrantes e as minorias étnicas na mídia portuguesa, podemos destacar, inicialmente, os trabalhos de Cunha (1995; 1996; 1997; 2004; 2006), Cádima (2003), Santos (2005), Valdigem (2006), Silva Filho (2006; 2008), Lisboa (2007) e Borges (2008), entre outros. Todos estes estudos, preservados às suas peculiaridades, apontam que parte significativa da construção identitária das minorias étnicas produzida na mídia portuguesa está inserida numa herança do passado imperialista do país, o que resulta em um enquadramento dos noticiários ainda bastante acentuado em percepções estereotipadas em relação a estas populações. A partir deste cenário, na concepção deste trabalho de pesquisa, afirma-se como fundamental compreender como ocorrem as estratégias midiáticas na construção identitária dos negros africanos dos PALOP e seus descendentes na revista portuguesa *Afro*.

1. Discussão teórica dos conceitos-chave: identidade, representação e mídia na atualidade

Diante das indagações levantadas no processo de investigação sobre a questão da identidade étnica na atualidade, destacamos alguns autores considerados, neste trabalho, como iluminadores para o estabelecimento deste diálogo que, de forma alguma, pretende-se exaustivo, muito menos definitivo.

O debate sobre a questão da identidade étnica tem suscitado cada vez mais um lugar de destaque não apenas nas Ciências Sociais e Humanas, como também nas agendas midiáticas. A própria recorrência deste tema nas mídias sugere a necessidade de um reconhecimento mais amplo entre os estudiosos das Ciências Sociais sobre a importância de investimentos em pesquisas concretas que visem a inter-relação entre mídia e identidade étnica.

Assim, no desenvolvimento dessa discussão sobre a construção identitária na revista portuguesa *Afro* optamos, como ponto de partida, por uma breve discussão sobre a identidade étnica a partir da interlocução com alguns autores do campo das Ciências Sociais.

Na proposição sobre o fenômeno da identidade étnica, consideremos pertinente recorrer a alguns autores que apresentam contribuições pontuais acerca desse conceito. Na definição desta proposta, as contribuições de Max Weber (1994), Fredrik Barth (1998) e Stuart Hall (2002, 2003, 2006) são abordadas no sentido de captar algumas especificidades apresentadas na construção do conceito de identidade étnica.

Na proposta de abarcar especificidades de uma identidade propriamente étnica, é de fundamental importância a contribuição de Max Weber - um dos fundadores da sociologia -, no que se refere ao nascimento da ideia de coletividade étnica, apresentada no começo do século XX, na obra clássica *Economia e Sociedade* (1994), em que Max Weber dedica um capítulo ao tema das relações comunitárias étnicas.

De acordo com Weber (1994, p.270), a crença na afinidade de origem objetiva, fundada ou não, tem consequências marcantes, em especial para a formação dos grupos étnicos. Os grupos étnicos, segundo o autor, por conta das semelhanças do *habitus* externo, dos costumes, das recordações do processo de colonização e migração nutrem uma crença subjetiva na origem comum de tal forma que esta crença é que possibilita a propagação de relações comunitárias, passando a ser indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue realmente efetiva.

Verifica-se, portanto, que para Weber (1994) o sistema de categorização das relações comunitárias étnicas é fundamentado em uma origem comum real ou suposta, baseada na crença subjetiva calcada na origem, traço característico na concepção da identidade étnica.

Fredrik Barth em *Grupos étnicos e suas fronteiras* (1998), texto publicado pela primeira vez em finais da década de 1960 e considerado por muitos estudiosos como um referencial imprescindível nesta área do conhecimento, destaca que a noção de grupo étnico só encontra seu sentido quando seus atores sociais se dão

conta das fronteiras demarcatórias no sistema social no qual consideram o seu pertencimento e identificam que outros atores sociais estão implicados em um outro sistema social.

As identidades étnicas, de acordo com Barth (1998, p. 183-1849), só se mobilizam com referência a uma alteridade e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos “nós/eles”, uma vez que são as fronteiras étnicas e não o conteúdo cultural interno que definem o grupo étnico e permitem que se dê conta de sua persistência. Portanto, a distintividade de um grupo étnico repousa num princípio de fechamento em torno de uma origem comum para manter uma fronteira entre “nós” e “eles”, a partir de um número limitado de traços culturais, mas um grupo étnico pode muito bem modificar e substituir sua cultura sem perder a identidade, na medida em que a manutenção das fronteiras étnicas é mais importante do que propriamente os traços culturais característicos deste ou daquele grupo. Se por um lado existe uma dissociação entre a transformação étnica e a transformação das práticas culturais, na medida em que um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e, contudo, continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto, por outro uma redução das diferenças culturais entre os grupos étnicos não coloca necessariamente em causa a pertinência do limite que os separa (BARTH, 1998, p. 184-185).

Assim, no que se refere à noção de grupo étnico, Barth (1998) substitui uma concepção estática da identidade étnica por uma concepção dinâmica. E, nessa perspectiva, a identidade étnica não se coloca como algo intemporal, imutável de “traços culturais” - crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, práticas de vestuário ou de culinárias etc. - transmitidos da mesma forma de geração em geração na história do grupo, muito pelo contrário. Segundo Barth (1998), a identidade étnica provoca ações e reações entre os grupos em uma organização social em contínuo movimento, no decorrer das interações sociais e a continuidade dos grupos étnicos não pode ser explicada somente em termos de manutenção da sua cultura tradicional, mas também da manutenção dos limites do grupo, da contínua dicotomização entre “nós/eles”.

Ao tomarmos em consideração os elementos propositivos expostos por Barth (1998) no que se referem à definição de grupo étnico, verificamos que o grupo étnico

apresenta-se como uma forma de organização social que expressa em seu cerne uma identidade diferencial nas relações com os outros grupos e com a sociedade mais ampla. As categorias étnicas tomam as diferenças culturais em consideração, porém não é a soma das diferenças culturais “objetivas” que determina o conteúdo da identidade étnica, mas aquelas diferenças que os atores sociais consideram como significativas que são realçadas e tornadas como relevantes na organização social. Certos elementos culturais, e não outros, são utilizados pelos atores sociais como sinais emblemáticos da diferença.

Stuart Hall (2002, 2003, 2006) um dos grandes pensadores da atualidade no que se refere às identidades na pós-modernidade, preconceito racial, discurso midiático e recepção, trabalhos estes considerados fundadores dos contemporâneos Estudos Culturais, enfatiza que as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas, tornando-se uma celebração móvel, formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais são representadas ou interpeladas nos sistemas culturais.

Nesse sentido, notamos que embora Hall (2006) não negue que a identidade tenha um passado, compreende-a como uma questão de “tornar-se”, uma vez que aqueles que a reivindicam não se limitam a ser posicionados pela identidade, são capazes também de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas que foram herdadas de um passado comum, uma vez que as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos, produzidas em locais históricos e institucionais específicos e por estratégias e iniciativas também específicas.

Stuart Hall (1997) posiciona as suas reflexões quanto à construção da identidade no tripé história, linguagem e cultura e, para tanto, ressaltando a importância do exame dos processos de representação como uma prática central que gera cultura e atualmente estes processos são compreendidos como um momento-chave do denominado circuito da cultura que, para além da representação, compreende a identidade, a produção, o consumo e a regulação, significando a compreensão dos sistemas simbólicos como primordial na análise dos processos de representação como produtores de significados para aqueles que acessam tais

sistemas e que, por sua vez, produzem identidades associadas tanto técnica quanto culturalmente, objetivando atingir os seus receptores.

Das proposições apresentadas pelos autores nesta concisa discussão teórica podemos depreender que as representações identitárias constituem-se uma forma de identificação pertinente aos atores sociais que, em maior ou menor grau, está sendo remodelada no processo de globalização e que a mídia tem um protagonismo fundamental no processo de inter-relação na dinâmica entre identidade étnica, globalismo e recriação de localismos, uma vez que os movimentos do capital, os meios de comunicação e os signos atravessam cada vez mais rápido um mundo sem fronteiras geográficas e políticas, porém ao mesmo tempo os atores sociais se deparam, cada vez mais, com fronteiras físicas e simbólicas de incorporação e de exclusão social, econômica, política e cultural demarcatórias entre “nós/eles”.

2. Contextualização sócio-histórica da revista *Afro* em Portugal

Durante longas décadas, conhecido por ser um país de emigração, somente nos últimos trinta anos Portugal assiste a entrada de número significativo de imigrantes. O grande fluxo migratório para Portugal dá-se efetivamente após a independência das colônias africanas (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, denominados Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP) entre os fins da década de 1970 e início da década de 1980. Assim, a independência das ex-colônias africanas na década de 1970, juntamente com a Revolução de 25 Abril de 1974 em Portugal que determinou o fim da ditadura salazarista, trouxeram cerca de meio milhão de pessoas para o país, entre ex-colonos, descendentes e aderentes de origem africana ou luso-africana.

A partir de 1980, a imigração para Portugal proveniente dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), constituída majoritariamente por mão-de-obra não qualificada, com fracos níveis de escolaridade, ocupou os setores da construção civil e obras públicas, no caso dos homens, e os serviços domésticos e de limpeza, no caso das mulheres. Já a década de 1990 foi marcada pelos

resultados dos Acordos de *Schengen*², que constituíram uma fronteira única na Europa entre os Estados-Membros de *Schengen*, desencadeando a vinda de imigrantes não só dos países do Leste Europeu devido a estes acordos, mas também do Brasil através de acordos luso-brasileiros. Nos anos de 1980 e 1990 a imigração deixou de ser uma componente menor do movimento da população para Portugal. Estima-se que nesta primeira década do século XXI a sociedade portuguesa conta com 400 mil imigrantes, representando aproximadamente 10% da população ativa e 5% da população total do país.³

Estatisticamente, os cidadãos africanos dos cinco países dos PALOP (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) configuram a segunda população imigrante mais representativa em Portugal, com cerca de 140 mil residentes, perdendo apenas para os provenientes dos treze países da Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Itália, Reino Unido, Bielorrússia, Bulgária, Federação Russa, República Moldava, Romênia, Ucrânia) com 184 mil residentes. Tais números referem-se, todavia, a residentes legais (portadores de uma autorização de residência).

Nota-se, assim, que tanto é recente a imigração em Portugal como a construção de uma percepção da população portuguesa em relação à imigração. E, em grande parte, essa perspectiva decorre da posição social e do local de habitação desses imigrantes, enfatizada, em sua maioria, pelos noticiários nas mídias sobre temáticas que envolvem a imigração, nas quais os jornalistas persistem em relacionar imigrantes, pessoas negras, pessoas socialmente desfavorecidas com a temática da criminalidade, configurando-se tal procedimento como um ato de preconceito e discriminação⁴ frente a esses indivíduos.

² As medidas relativas ao Espaço Schengen prevêem a abolição dos controles nas fronteiras internas dos Estados-Membros de Schengen, estabelecem regras comuns para os controles nas fronteiras externas, definem uma política comum em matéria de vistos e introduzem medidas de acompanhamento que permitem abolir os controles nas fronteiras externas (em especial no domínio da cooperação policial e judiciária em matéria penal). Estas regras têm implicações diretas para os cidadãos no que diz respeito à livre circulação de pessoas. Disponível em: <<http://www.ec.europa.eu/yuoreurope/nov/pt/citizens/travelling/schengen-area/index.html>>. Acesso em: 10 abril/2011.

³Dados sobre a população estrangeira residente em Portugal. Fonte: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF. Atualmente o número de imigrantes tem caído em Portugal, por conta da crise económica no país, mas não há ainda dados oficiais do SEF em relação a estes números.

⁴Utilizamos o termo preconceito e discriminação a partir da obra *O Racismo, uma introdução* (2007), de Michel Wieviorka. Para Wieviorka (2007, p.59-68), o preconceito é uma primeira forma elementar do racismo, na qual repousa nas apresentações do “outro”, o de “fora”, em detrimento do “nós”, o de “dentro”, amplificando, assim, as

Assim, somente após quatro décadas do início do grande fluxo migratório de africanos, descendentes e aderentes provenientes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, em fevereiro de 2008 é lançada a primeira publicação de massa, etnicamente segmentada e dirigida especialmente à comunidade negra africana dos PALOP: a revista *Afro*⁵.

A equipe de profissionais responsáveis pela produção da revista *Afro* foi assegurada pela redação de outra publicação feminina, a *Mulher Moderna*, do mesmo grupo editorial Impala, sendo reforçada por uma pequena equipe de jornalistas de origem africana, constituída por Paula Machava Seibert, editora, moçambicana que vive em Portugal há sete anos; Virgínia Esteves, diretora, Angolana, que veio para Portugal em 1975, com 9 anos de idade e Nuno Dias, jornalista, que nasceu em Portugal, mas que é proveniente de uma família africana. A equipe de jornalistas da revista *Afro* foi também constituída em sincronia com a própria linha editorial da revista com o objectivo de atingir como público-alvo, principalmente, a mulher africana. Valores da cultura africana, como gastronomia, artes plásticas, música; histórias de vida de africanos e seus descendentes - mais especificamente histórias de vida de “personagens de sucesso pertencentes à comunidade africana” -, além dos temas relacionados às necessidades específicas do padrão estético-étnico da mulher negra africana como moda e beleza são os temas mais abordados pela revista *Afro*.

Do volume 1 ao 5 a revista circulou mensalmente. A partir dos volumes 6, 7, 8 a sua periodicidade passou a ser bimestral. Após a edição do volume 8 da revista, correspondente aos meses de novembro e dezembro de 2008, a equipe de jornalistas da revista foi extinta, passando a contar apenas com colaboradores esporádicos e a circular também esporadicamente no mercado editorial. Posteriormente à publicação do volume 8 e com a extinção da equipe profissional, a

diferenças do “outro”, desembocando em estereótipos suscetíveis de alimentar atitudes discriminatórias que correspondem quase sempre à lógica da hierarquização da “raça” para dispensar um tratamento diferenciado depreciativo.

⁵A revista *Afro* é uma publicação do grupo editorial português Impala, cujo proprietário, de nacionalidade portuguesa, criou o grupo editorial inicialmente em Angola, antes da independência deste país, e pós-independência o transferiu para Portugal. O grupo Impala, além da revista *Afro*, é reconhecido no mercado editorial português pela publicação de uma série de revistas femininas e de estilo de vida. O lançamento da revista *Afro* veio adicionar ao portfólio de publicações da Impala mais uma revista feminina e de estilo de vida, porém com um destaque inovador no mercado editorial português: a abordagem étnica. De acordo com os próprios responsáveis pelo corpo editorial da revista, *Afro* foi inspirada na revista brasileira *Raça Brasil* e para homenageá-la o primeiro número da revista traz em sua capa a atriz brasileira Taís Araújo.

revista passou a ser considerada pelo mercado editorial como fora de circulação, apesar da circulação esporádica de um ou outro número (volume 9, datado de maio/junho de 2009, e volumes 10 e 11, referentes ao ano de 2010).

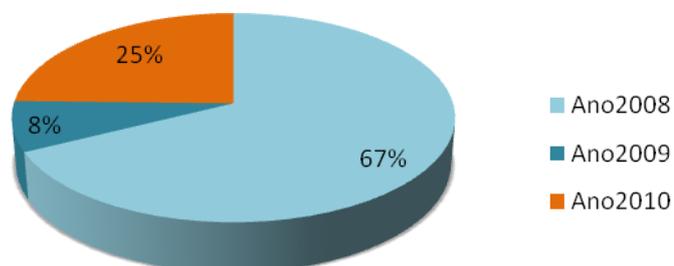
Nota-se que o processo percorrido pela publicação da revista *Afro* desde o seu lançamento em fevereiro de 2008 quando surge como um produto editorial impresso de massa inédito no mercado editorial português, passando por um curto período de fixação e estabilização neste mesmo mercado e junto ao seu público-alvo até a sua extinção, é de apenas um ano.

3. Análise referente à forma da revista Afro

A análise de conteúdo computadorizada no *Statiscal Package for Social Scienses* – SPSS foi a responsável pela organização de categorias descritivas (variáveis), posteriormente distribuídas nas modalidades forma, conteúdo e discurso, a partir dos resultados extraídos dos dados estatísticos recolhidos de um *corpus* de análise constituído por 142 peças (gêneros jornalísticos nota, notícia, reportagem, perfil, entrevista, comentário, opinião, crítica, crônica e publireportagem), durante os anos de 2008, 2009 e 2010.

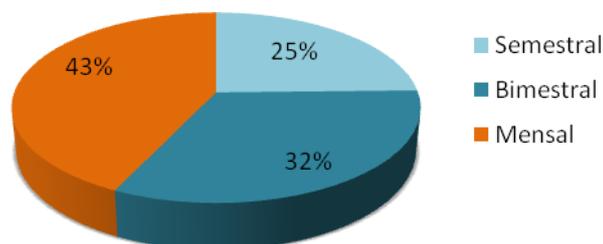
Assim, do *corpus* de análise constituído por 142 peças da revista *Afro*, no que se refere ao ano de publicação, 96 peças (67%) foram recolhidas das publicações datadas do ano de 2008, 35 peças (25%) de 2010 e apenas 11 peças (8%) correspondente às publicações de 2009.

Gráfico nº1 – Ano da Publicação



Ao considerar a classificação quanto à periodicidade da revista, os volumes mensais somaram 61 peças (43%), os bimestrais 46 (32%) e os semestrais 35 peças (25%).

Gráfico nº2 – Tipo da Revista (N=142)

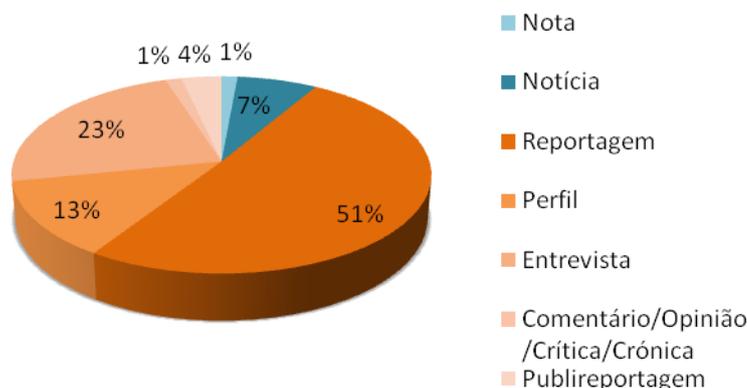


Os resultados dos dados apresentados sobre o ano de publicação e a oscilação da periodicidade da revista demonstram o curto tempo de permanência da mesma no mercado editorial português, uma vez que *Afro* foi lançada em fevereiro de 2008, quando surge como um produto editorial de massa inédito em Portugal,

passando por um curto período de fixação e estabilização neste mesmo mercado e junto ao seu público-alvo (a circulação da revista permanece mensal apenas até junho de 2008) até a sua extinção.

No que diz respeito ao gênero jornalístico, a reportagem é a mais recorrente (72 peças - 51%), seguida de entrevista (33 peças - 23%) e perfil (18 peças - 13%). Os gêneros notícia (10 peças - 7%), publireportagem (5 peças - 4%), nota (duas peças - 1%) e, por fim, comentário/opinião/crítica/crônica (duas peças - 1%).

Gráfico nº2 – Gênero Jornalístico (N=142)



Verifica-se, portanto, que os gêneros jornalísticos mais recorridos na produção da revista *Afro* estão estritamente vinculados aos agendamentos contextualizados com a concepção editorial da revista *Afro*, constituída como uma publicação comercial, de estilo de vida. Os gêneros notícia, publireportagem, nota e comentário/opinião/crítica/crônica não são espaços de grande relevância para este tipo e estilo de mídia impressa, bem como para a proposta editorial da mesma. As notícias e as notas são mais destinadas às pautas contextualizadas temporalmente e ao produto jornalístico com periodicidade diária. A publireportagem concorre com os anúncios publicitário que já possuem grande espaço reservado e bem explorado pela revista, enquanto que comentário/opinião/crítica/crônica não é, em geral, o gênero mais requisitado em publicações tipificadas como “estilo de vida”.

4. Análise referente ao conteúdo da revista Afro

Na observação sobre a fonte de informação mais utilizada no conjunto das 142 peças jornalísticas, a fonte principal mais recorrente pertence à categoria profissional dos “artistas e outros criadores” (41 peças - 28,87%).

É importante ressaltar que o indicador “artistas e outros criadores” contempla um conjunto de categorias profissionais pertencentes ao meio artístico, especificamente profissionais de TV, atores de TV e seus grupos produtores; profissionais de cinema, atores de cinema e seus grupos produtores; profissionais da música, músicos e seus grupos produtores; escritores; artistas plásticos/escultores/pintores. Nota-se, ainda, que a revista *Afro* tem como fonte de informação mais recorrente um grupo específico de “artistas e outros criadores” e esta fonte de informação não é acionada de maneira aleatória. Os profissionais da categoria “artistas e outros criadores” são escolhidos entre aqueles que, normalmente, já possuem um histórico reconhecido e estável neste campo de trabalho, além de possuírem uma visibilidade profissional legitimada há algum tempo pela mídia. Já os artistas que são apresentados pela revista *Afro* como personalidades midiáticas momentâneas, juntamente com as personalidades públicas surgidas também neste contexto, estão contemplados no indicador “figuras públicas e celebridades”.

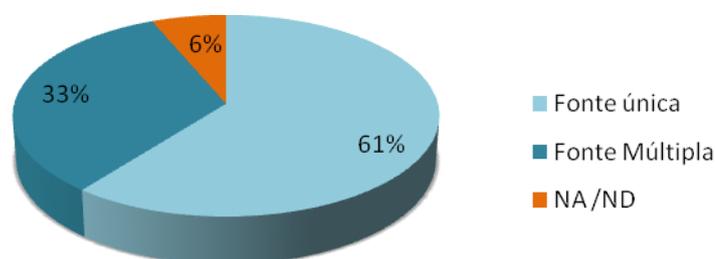
Quadro nº 1 – Fonte Principal

| | Fonte Principal | |
|-----------------------------|-----------------|--------|
| | Nº | % |
| Artistas e outros criadores | 41 | 28,87% |
| Cidadãos comuns adultos | 14 | 9,86% |
| Cidadãos comuns crianças | 1 | 0,70% |

| | | |
|---|-----|---------|
| Figuras Públicas e Celebidades | 14 | 9,86% |
| Grandes Empresas/Empresários | 6 | 4,23% |
| Pequenas e Médias Empresas/Empresários (Agências) | 7 | 4,93% |
| Organismos Científicos/Investigação | 5 | 3,52% |
| Organismos Culturais | 1 | 0,70% |
| Organizações Internacionais | 2 | 1,41% |
| Organizações Não Governamentais | 1 | 0,70% |
| Organizações/Federações/Clubes Desportivos/Profissionais de Desporto | 10 | 7,04% |
| Órgãos de Comunicação Social | 10 | 7,04% |
| Órgãos e Profissionais de Saúde | 4 | 2,82% |
| Profissionais da Moda /Modelos | 14 | 9,86% |
| Representações diplomáticas | 1 | 0,70% |
| Estado/Governo Nacional e Estrangeiro | 5 | 3,52% |
| Informação Não atribuída | 6 | 4,23% |
| Total | 142 | 100,00% |

Em relação ao número de fontes de informação, a utilização de uma fonte única aparece em 86 peças (61%), seguida de 47 peças (33%) para fonte múltipla e 9 peças (6%) para aquelas que não constam a fonte de informação.

Gráfico nº3 – Número de Fontes (N=142)



A temática principal mais frequente na totalidade das 142 peças recolhidas da revista *Afro*, durante os anos de 2008, 2009 e 2010 é a profissional, destacada em 61 peças (42,96%). A temática beleza, segunda mais focada, aparece em 14 peças (9,86%) do total. Verifica-se que o resultado entre a primeira temática mais focada (61 peças, 42,96%) e a segunda mais focada (14 peças, 9,86%) tem uma margem quantitativa bastante distanciada, o que reafirma, para além do resultado por si apresentado na temática proeminente, a prevalência da abordagem profissional - temática mais recorrente - nos textos jornalísticos da revista *Afro*.

Quadro nº 2 – Tema Principal

| Temática Principal | Nº | % |
|-----------------------|----|-------|
| Agenda/Eventos | 8 | 5,63% |
| Beleza | 14 | 9,86% |
| Comportamento Laboral | 1 | 0,70% |
| Desporto | 4 | 2,82% |
| Étnico-Racial | 6 | 4,23% |
| Identidade | 3 | 2,11% |
| Moda | 1 | 0,70% |
| Namoro | 1 | 0,70% |

| | | |
|--------------------|-----|---------|
| Saúde | 5 | 3,52% |
| Sexualidade | 6 | 4,23% |
| Profissional | 61 | 42,96% |
| Turismo | 1 | 0,70% |
| Preconceito Racial | 1 | 0,70% |
| Casamento | 9 | 6,34% |
| Maternidade | 4 | 2,82% |
| Cultural | 1 | 0,70% |
| Economia | 1 | 0,70% |
| Ajuda Humanitária | 2 | 1,41% |
| Poligamia | 1 | 0,70% |
| Político | 1 | 0,70% |
| Religião | 1 | 0,70% |
| Homicídio/Suicídio | 1 | 0,70% |
| Relações afectivas | 1 | 0,70% |
| Género | 1 | 0,70% |
| Artes | 4 | 2,82% |
| Paternidade | 3 | 2,11% |
| Total | 142 | 100,00% |

Ainda no que concerne à temática principal nas peças recolhidas, casamento consta em 9 peças (6,34%); agenda/eventos em 8 peças (5,63%); étnico-racial e sexualidade em 6 peças cada (4,23%); saúde em 5 (3,52%); desporto, artes e maternidade em 4 peças cada (2,82%); identidade e paternidade em 3 peças cada (2,11%); ajuda humanitária em duas (1,41%); comportamento laboral, moda, namoro, turismo, preconceito racial, cultural (especificamente relacionada com aspectos da arte africana), economia, poligamia, política, religião, homicídio/suicídio, relações afetivas e relações de gênero em uma peça cada (0,70%). Tais resultados

demonstram a incipiência com que estes temas foram acolhidos individualmente pela revista. Porém, a incipiência do acolhimento de tais temas na revista *Afro* não chega a ser um fator de negação dos mesmos, na medida em que no decorrer da análise verifica-se que estes temas são abordados sempre para afirmarem a temática principal majoritária, ou seja, a profissional.

O principal ator da peça (quem fala? ou de quem se fala?), considerado o protagonista do texto jornalístico, tem uma maior expressividade o cidadão comum adulto que aparece em 27 peças (19,01%), profissionais da música/grupos produtores/músicos em 23 (16,20%), figuras públicas/celebridades em 15 peças (10,56%) e profissionais da moda/modelos em 13 peças (9,15%). Os demais resultados variam entre 9 peças (6,34%) e uma peça (0,70%).

Quadro nº 3 – Principal Ator

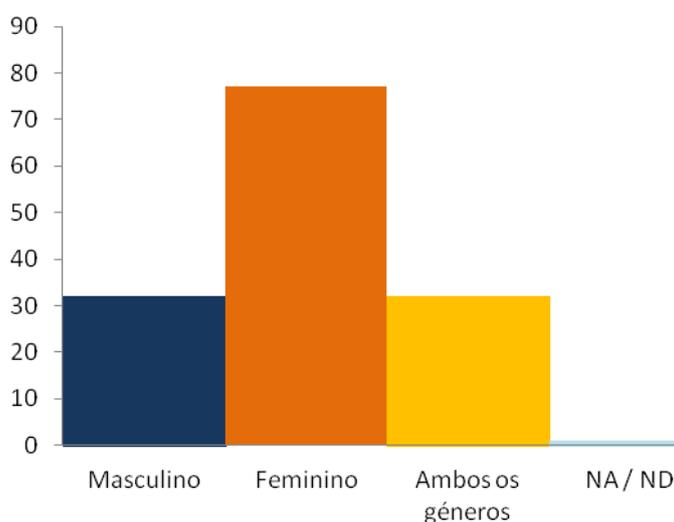
| Principal Ator | Nº | % |
|---|----|--------|
| Cidadãos comuns adultos | 27 | 19,01% |
| Cidadãos comuns crianças | 2 | 1,41% |
| Cidadãos comuns jovens | 1 | 0,70% |
| Figuras Públicas e Celebridades | 15 | 10,56% |
| Grandes Empresas/Empresários | 6 | 4,23% |
| Pequenas e Médias Empresas/Empresários (Agências) | 6 | 4,23% |
| Organizações/Federações/Clubes Desportivos/Modalidade/ Profissionais de Desporto | 10 | 7,04% |
| Órgãos e Profissionais de Saúde | 1 | 0,70% |
| Profissionais da Moda /Modelos | 13 | 9,15% |
| Profissionais da TV, Actores de televisão, Grupos Produtores | 9 | 6,34% |
| Profissionais de Cinema, Actor de Cinema, Grupos Produtores | 4 | 2,82% |

| | | |
|---|-----|--------|
| Profissionais de Música, Grupos Produtoras, Músicos | 23 | 16,20% |
| Representantes da comunicação social | 4 | 2,82% |
| Representantes de Organismos Culturais/ Organismos Culturais | 1 | 0,70% |
| Representantes de Organizações não governamentais | 1 | 0,70% |
| Representantes diplomáticos | 1 | 0,70% |
| Representantes dos Organismos Científicos/Centros de Investigação | 3 | 2,11% |
| Representantes Estado e Governo Nacionais e Estrangeiros | 8 | 5,63% |
| Representantes de Organizações Internacionais | 1 | 0,70% |
| Escritor | 2 | 1,41% |
| Artistas Plásticos/Escultores/Pintores | 4 | 2,82% |
| Total | 142 | 100% |

Quanto ao gênero do principal ator, as mulheres aparecem individualmente em 77 peças (54%), os homens individualmente em 32 peças (23%) e homens e mulheres juntos também em 32 peças (23%).

Gráfico nº 4 – Gênero do Principal Ator

Eixo Y= nº de peças; N=142



No que correspondente à pertença do ator social - protagonista dos textos jornalísticos - a grupos de origem, das 142 peças analisadas angolanos constam em 22 peças (15,49%), norte-americanos em 21 (14,79%), várias (pertença a vários grupos de origem) em 20 (14,08%), NA/ND (peças que não constam a pertença dos grupos de origem) em 15 (10,56%), moçambicanos em 13 (9,15%), segundas gerações (filhos de imigrantes já nascidos nos países em que os país imigraram) em 12 (8,45%), portugueses em 7 (4,93%), cabo-verdianos em 6 (4,23%), africanos (para todos aqueles originários de países africanos, exceto originários dos PALOP, do Senegal, da Guiné-Conacri, da Nigéria e do Quênia) em 4 (2,82%), guineenses em 3 (2,11%), ingleses em 3 (2,11%), terceiras gerações (netos de imigrantes nascidos nos países em que os avôs imigraram) em duas peças (1,41%), são tomenses, escoceses, senegaleses, guineanos, nigerianos e quenianos em uma peça cada um (0,70%).

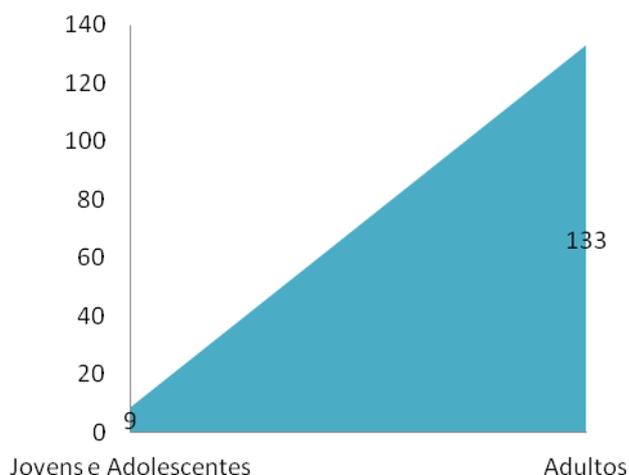
Quadro nº 4 – Pertença a Grupo do Principal Ator

| | Nº | % |
|--------------------|----|--------|
| Africanos | 4 | 2,82% |
| Angolanos | 22 | 15,49% |
| Cabo-Verdianos | 6 | 4,23% |
| Guineenses | 3 | 2,11% |
| São Tomenses | 1 | 0,70% |
| Moçambicanos | 13 | 9,15% |
| Brasileiros | 8 | 5,63% |
| Segundas Gerações | 12 | 8,45% |
| Terceiras Gerações | 2 | 1,41% |

| | | |
|----------------------|-----|--------|
| Várias | 20 | 14,08% |
| Portugueses | 7 | 4,93% |
| Norte- Americanos | 21 | 14,79% |
| Escocês | 1 | 0,70% |
| Senegal | 1 | 0,70% |
| Guineano | 1 | 0,70% |
| Ingleses | 3 | 2,11% |
| Nigeriano | 1 | 0,70% |
| Quenianos | 1 | 0,70% |
| NA / ND | 15 | 10,56% |
| Total | 142 | 100% |

Referente ao público-alvo, 133 peças (94%) foram direccionadas aos adultos e 9 peças (6%) aos jovens e adolescentes. É importante ressaltar que considerou-se, no âmbito desta pesquisa, pertencente ao grupo de adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos e ao grupo de jovem o indivíduo entre 19 e 30 anos. A definição legal de entrada na idade adulta varia entre os 16 e 21 anos, mas normalmente a idade é de 18 anos dependendo, além da região, dos aspectos culturais de cada grupo em específico e/ou de cada sociedade em geral. Assim, os resultados apontados, a partir dos indicadores jovens e adolescentes e adultos, esbarram na linha tênue das variações aproximadas entre as idades de um e de outro grupo especificado nos indicadores. Porém, o critério de análise das peças revela, para além da faixa etária, qual o público-alvo que revista *Afro* se destina: maioritariamente adultos.

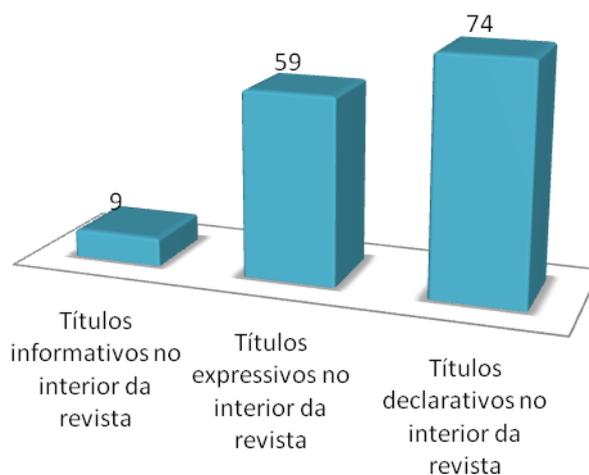
Gráfico nº 5 – Público-Alvo (N=142)



5. Análise referente ao discurso da revista Afro

No que concerne aos títulos apresentados nos textos jornalísticos publicados no interior da revista *Afro*, os dados apontam uma proeminência para os títulos declarativos – caracterizados como aqueles que pretendem declarar de forma enfática algo ao leitor – numa somatória de 74 peças (52%). Os títulos expressivos – caracterizados como aqueles que contêm o menor grau informativo e que buscam atrair e impressionar o leitor rapidamente - constam em 59 peças (42%) e os informativos, cuja característica é conter o essencial da informação no sentido mais aproximativo do exato e do preciso, a partir de respostas às questões quem, quê, onde, quando, porquê e como – aparecem em apenas 9 peças (6%).

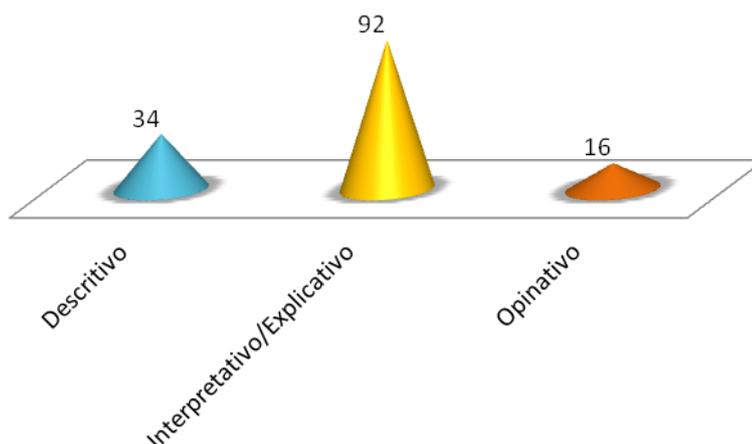
Gráfico nº 6 – Categoria do Título do Artigo (N=142)



Verifica-se que os resultados apresentados na análise sobre a categoria dos títulos dos artigos no interior na revista, destacam os títulos declarativos como proeminentes, o que demonstra uma coerência com a própria constituição e linha editorial da revista *Afro*, na medida em que uma publicação comercial, de estilo de vida, etnicamente segmentada e dirigida especialmente a uma comunidade particular busca, em geral, uma forma discursiva mais enfática nos títulos, como forma de atrair o seu público-alvo para a abordagem dos temas elencados.

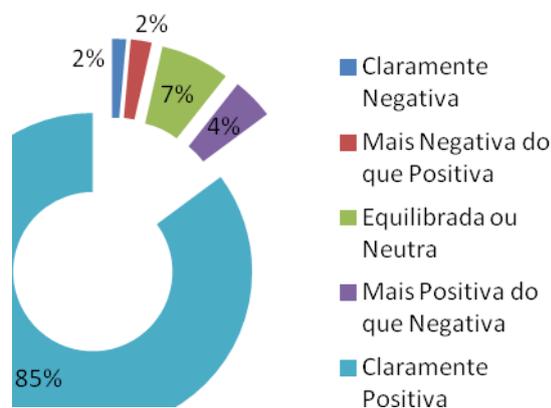
Quanto ao estilo do discurso utilizado pelo jornalista no tratamento do texto, o interpretativo/explicativo consta em 92 peças (65%); o descritivo em 34 (24%) e o opinativo em 16 (11%).

Gráfico nº 7 – Estilo Discursivo (N=142)



Na referência ao tom discursivo utilizado pelos jornalistas, o tom positivo é maioritariamente o mais presente, uma vez que consta em 121 peças (85%) do total das 142 peças analisadas.

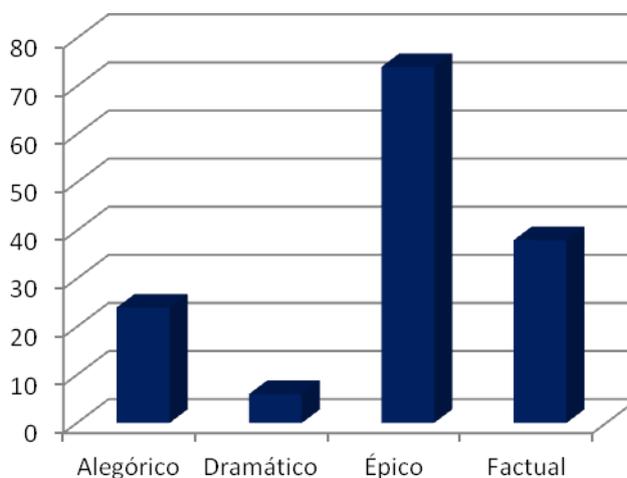
Gráfico nº 8 – Tom do Discurso (N=142)



Assim, depreende-se dos resultados apresentados quanto ao estilo discursivo e a valência do tom do discurso utilizados pelos jornalistas, que os textos jornalísticos da revista *Afro* contam em sua maioria com um discurso interpretativo/explicativo num tom claramente positivo.

No que compreende ao estilo narrativo dos textos jornalísticos, o épico, caracterizado como aquele que apresenta uma narrativa que exalta a trajetória de vida, se destaca em 74 peças (52%), o factual, aquele centrado na descrição de ações e fatos, em 38 peças (27%), o alegórico, cuja narrativa apresenta uma sequência de metáforas, em 24 peças (17%) e o dramático, configurado como aquele que exalta uma forte acentuação no emocional e no espetacular, em apenas 6 peças (4%).

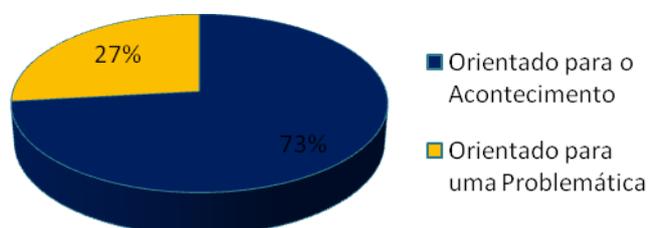
Gráfico nº 9 – Estilo Narrativo (N=142)



A prevalência do estilo narrativo épico em 74 (52%) peças revela que a revista *Afro* busca dar ênfase aos textos com destaque à trajetória de vida de seus atores sociais. Tais trajetórias de vida são ressaltadas com o intuito de construir uma identificação entre a trajetória de vida dos atores sociais protagonistas nos textos jornalísticos e o público-alvo que a revista quer alcançar.

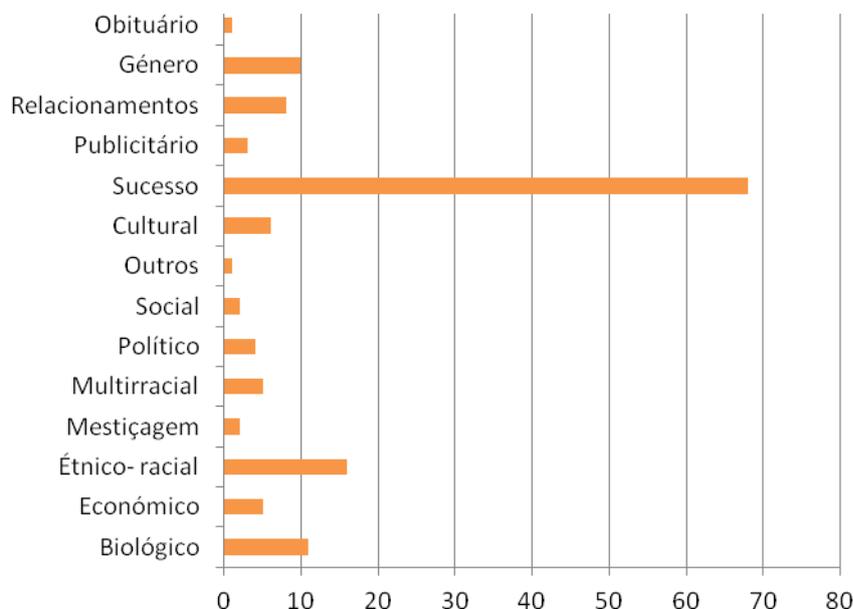
Quanto ao enfoque do artigo, em 104 peças (73%) o enfoque está orientado para um acontecimento e em 38 peças (26,8%) para uma problemática. O resultado de apenas 38 peças (27%) orientadas para possíveis problemáticas que possam envolver a comunidade negra africana dos PALOP em Portugal, demonstra que objectivo principal da revista *Afro* não é abordar problemáticas que envolvam a comunidade negra africana dos PALOP.

Gráfico nº 10 – Enfoque do Artigo (N=142)



Por fim, a argumentação, configurada como aquela que se caracteriza pelas estratégias de comentários ou de atitudes dos enunciadores do texto jornalístico, com a utilização de enunciados fundados na descrição da ação ou do acontecimento, aponta a argumentação do sucesso como a mais frequente nas peças analisadas (68 peças - 48%).

Gráfico nº 11 – Argumentação (N=142)



De acordo com os resultados mais focados, provenientes da análise dos dados estatísticos, a partir das 142 peças – *corpus* de análise – recolhidas da revista *Afro* durante os anos de 2008, 2009 e 2010, que posteriormente foram distribuídos,

de acordo com suas correspondências, às modalidades forma, conteúdo e discurso, mais uma vez foi possível identificar alguns conteúdos discursivos utilizados pela revista no processo de estruturação de estratégias midiáticas na construção de representações identitárias dos negros africanos dos PALOP e seus descendentes em Portugal. Assim, a partir destes resultados preliminares, podemos inferir que a revista *Afro* utiliza, geralmente, uma única fonte de informação na composição de seus textos jornalístico e que esta fonte de informação situa-se com mais frequência no grupo de artistas e produtores artísticos. A utilização de uma única fonte de informação não afeta o princípio de equilíbrio do texto, uma vez que o gênero jornalístico mais proeminente na revista é a reportagem, no estilo narrativo épico com um discurso interpretativo/explicativo, em um tom positivo.

Conclusão

Os resultados dos dados estatísticos levantados na análise de conteúdo no SPSS, referentes ao corpus constituído por 142 peças da revista *Afro*, durante os anos de 2008, 2009 e 2010, foram os condutores da organização das categorias descritivas de forma quantitativa, que posteriormente serão complementadas pela análise de discurso para uma abordagem mais qualitativa. Tais resultados proporcionaram a identificação dos conteúdos mais recorrentes utilizados pela revista no processo de construção identitária dos negros africanos dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, nomeadamente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e seus descendentes em Portugal.

Com base nos resultados analisados, podemos considerar que a revista *Afro* ao elencar como temática o campo profissional, especialmente aquele inserido nas artes, na moda e no desporto, de atores sociais negros africanos e seus descendentes, consagrados celebridades mediáticas por outros veículos de comunicação e pela própria revista, escolhidos pela revista como “representante exemplares” aos demais membros da comunidade negra africana em Portugal, juntamente com a argumentação do sucesso, recorre a alguns estereótipos

históricos em relação às aptidões profissionais dos negros demarcadas como “naturais”, principalmente as desportivas, que exigem vigor físico, como o atletismo e o futebol; as artes musicais, que remetem aos atributos culturais, mas muitas vezes também aos atributos “naturais” e a moda, cujo enfoque aparece bastante acentuado na visibilidade da diferença física dos negros – estetização – como um dos critérios importantes para o reconhecimento cultural, econômico e social dos negros no espaço público.

No entanto, se por um lado a revista portuguesa *Afro* coloca as celebridades midiáticas como exemplo de sucesso profissional para os demais membros da comunidade negra africana dos PALOP, por outro relega a uma maioria da população pertencente também a esta comunidade negra africana dos PALOP em Portugal, mas que estão distante do “mundo encantado e encantador” das celebridades midiáticas, ao patamar dos “invisíveis”, dos que “não existem”, dos “outros”. Os que “existem” como “celebridades”, negros de “sucesso”, apresentados na revista como exemplos de ascensão econômica e social são representativos somente para uma pequena classe média negra.

Abstract: This article consists of content analyze of speech and journalistic texts of Afro magazine, with the goal of identify and analyze, through research, the main quali-quantitativa discursive content used by the magazine in the process of structuring of media strategies in the construction of representations of identity of black Africans of PALOP (Portuguese-speaking African countries, namely Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique and Sao Tome and Principe) and their descendants, living in Portugal.

Key-words: Press media. Media language. Ethnic Identity. African Community

Referências

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O CONTROLO DE TIRAGEM E CIRCULAÇÃO. Disponível em: <<http://www.apct.pt>>. Acesso em: 21 jan. 2009.

CARVALHEIRO, José Ricardo. Is the Discourse of Hybridity a Celebration of Mixing, or a Reformulation of Racial Division? – A Multimodal Analysis of the Portuguese Magazine Afro. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative social Research, FQS, nº 2, volume 11, Maio de 2010. Disponível em <<http://www.qualitative-research.net/>>. Acesso em: 20 de jun. 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Disponível em:<www.cplp.org/>. Acesso em: 21 abr. 2009.

CUNHA, Isabel Ferin. Nós e os outros nos artigos de opinião da imprensa portuguesa. Lusotopie. France: Éditions de l'Aube, nº 1, 1997.

CUNHA, Isabel Ferin. O SPSS e os estudos sobre os media e o jornalismo. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

DOCTV - CPLP – Disponível em: < www.cultura.gov.br/site/2009/04/07/doctv-cplp> . Acesso em: 15 abr. 2009.

EDITORA IMPALA – Disponível em: <www.meiosepublicidade.pt/2007/.../impala-preparada-lancamento-da-revista-afro/> . Acesso em: 28 agosto 2010.

PEREIRA, A. SPSS: guia prático de utilização. Lisboa: Silabo, 2003.

SALIM, Isabela Câmara. Os meios de comunicação étnicos em Portugal – Dinâmica organizacional das comunidades de imigrantes. Observatório da Imigração. Lisboa, Portugal: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), nº 29, Outubro de 2008.

SCHENGEN. Disponível em:<<http://www.ec.europa.eu/youreurope/nov/pt/citizens/travelling/schengen-area/index.html>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

SILVEIRINHA, Maria João e PEIXINHO, Ana Teresa. Análise Textual Assistida por Computador. Observatório da Imigração. Lisboa, Portugal: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), nº 6, maio/2004.

WIEVIORKA, Michel. A diferença. Lisboa, Portugal: Fenda Edições, 2002.

WIEVIORKA, Michel. O racismo: uma introdução. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Revista *Afro* (corpus da pesquisa)

Revista *Afro*, nº 1, Fevereiro de 2008, mensal.

Revista *Afro*, nº 2, Março de 2008, mensal.

Revista *Afro*, nº 3, Abril de 2008, mensal.

Revista *Afro*, nº 4, Maio de 2008, mensal.

Revista *Afro*, nº 5, Junho de 2008, mensal.

Revista *Afro*, nº 6, Julho/Agosto de 2008, bimestral.

Revista *Afro*, nº 7, Setembro/Outubro de 2008, bimestral.

Revista *Afro*, nº 8, Novembro/Dezembro de 2008, bimestral.

Revista *Afro*, nº 9, Maio/Junho de 2009, bimestral.

Revista *Afro*, nº 10, 2009/2010, semestral.

Revista *Afro*, nº 11, 2009/2010, semestral.